

No Brasil, a vitória esperada de Bolsonaro desencadeia violência homofóbica / Le Monde, 11 de outubro de 2018, por Claire Gatinois, correspondente em São Paulo / trad. por Henrique Iwao, out 2018

As associações LGBT denunciam uma recrudescência das agressões depois do sucesso da extrema direita, no primeiro turno das presidenciais.

É 16h50, domingo, 7 de outubro, em São Paulo. As seções de votação, que vão confirmar a onda em favor de Bolsonaro, candidato da extrema direita para eleição presidencial no Brasil, estão prestes a fechar. Higor Carvalho, 32 anos, urbanista, chama um Uber para voltar à sua casa com seu companheiro. No carro, os dois homens se dão as mãos. O motorista os observa pelo retrovisor. « Vocês são o terceiro casal gay que eu transporto hoje. Vocês estão com medo », diz ele caçoando. « Não é preciso. Vocês sabem, se vocês se comportarem corretamente, nada lhes acontecerá ». Quando em sua casa, Higor Carvalho se afunda em lágrimas, consciente que essa observação não era nada inofensiva.

Intimidações, insultos, agressões e até mesmo assassinatos. Depois da disputa presidencial do primeiro turno, que fez do militar da reserva, conhecido por sua homofobia, o grande favorito, com 46% dos votos, à frente de seu adversário de esquerda, Fernando Haddad (26%), uma onda de violência se abate sobre o Brasil, notadamente contra a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bi, trans). No Rio de Janeiro, os banheiros das mulheres do colégio franco-brasileiro estavam pixados « Sapatas vão morrer. kkkk ».

Em São Paulo, depois do anúncio dos resultados, homens gritaram de um carro: « sapata imunda, filha da p... . Agora haverão subvenções para que você possa se tratar ». Em Curitiba, um cabeleireiro homossexual foi socado até a morte. No anúncio do falecimento, o

principal suspeito teria gritado « viva Bolsonaro ».

« É extremamente chocante. Uma síndrome do pânico está em vias de se instalar, e as pessoas não ousam mais sair. Nunca durante o curso de uma eleição nós tínhamos visto algo assim », alerta Machado Cerqueira, presidente da organização de defesa LGBT - Grupo Gay Bahia.

Uma homofobia simulada « por estratégia »

Em 2017, 445 homicídios contra a comunidade LGBT foram recenseados no Brasil pelo Grupo Gay da Bahia. A crer nos especialistas, esses crimes irão apenas aumentar, estimulados pelos discursos de Jair Bolsonaro. O capitão da reserva do exército, que detêm 58% das intenções de voto para o segundo turno, segundo a enquete da Datafolha de 10 de outubro, notadamente declarou, em uma entrevista à revista *Playboy*, em 2011: « Eu preferiria que meu filho morresse em um acidente antes que vê-lo com um bigodudo ».

« A homofobia existe à esquerda tanto quanto à direita, e Jair Bolsonaro a estimulou como estratégia política. Ele libera a palavra », acusa Jean Wyllys, deputado pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL, esquerda), reeleito 7 de outubro, que admite deslocar-se escoltado.

Conhecido por ter cuspidado na cara de Jair Bolsonaro depois de ser chamado de « viado », o deputado está preocupado com o clima deletério. No início de outubro, uma placa em homenagem à sua amiga assassinada Marielle Franco, conselheira municipal do Rio e advogada dos LGBT e negros, foi arrancada por ocasião de um encontro da campanha de Rodrigo Amorim, candidato à deputado pelo estado do Rio de Janeiro. Vestido com uma camiseta com o rosto de Jair Bolsonaro, ele exibiu seu troféu diante uma multidão, gritando

eufórico: « Terminou, toda essa merda. Agora é Bolsonaro ». A 7 de outubro, Rodrigo Amorim foi eleito com folga.

As agressões que acompanharam o primeiro turno de uma eleição marcada pelo ódio contra o partido dos Trabalhadores (PT, esquerda), não visavam apenas as comunidades LGBT, mas de um modo geral, a todos os adversários de Jair Bolsonaro. A página Mapa da Violência recebeu, em menos de uma semana, cerca de cinquenta denúncias, indo de ameaças de violência à agressões físicas. Todas ligadas a uma oposição a Bolsonaro.

A ira sem limite

No estado da Bahia, um dos últimos bastiões da esquerda, Romualdo Rosário da Costa, vulgo Moa do Katendê, mestre de capoeira e eleitor do PT, foi morto com 12 golpes de faca na noite do primeiro turno, por ter compartilhado sua escolha eleitoral com um fã de Bolsonaro. Em Porto Alegre, uma mulher de 19 anos fez uma queixa: 3 homens desenharam nela, com um canivete, uma cruz suástica sobre seu ventre, por ela portar uma camiseta "Ele Não" (a palavra-chave da revolta das mulheres opositoras ao candidato da extrema direita).

A ira dos eleitores favoráveis ao militar parece sem limite. Segundo a página Bahia Notícias, uma conversa no Facebook, repleta de insultos, prometia aos nordestinos, majoritariamente eleitores do PT, « o campo de concentração ».

« Jair Bolsonaro mantém um discurso racista e homofóbico sem ser reprimido. O cidadão se sente legitimado. É terrivelmente inquietante, é um sintoma de uma democracia fragilizada », analisa Ana Lucia Schritzmeyer, professora de Antropologia da Universidade de São Paulo.

Solicitado por jornalistas da página UOL, Jair Bolsonaro falou de « casos isolados ». « Eu não tenho o controle sobre os milhões e

milhões de pessoas que me apoiam », e adicionou « Não invertam as coisas, fui eu quem foi apunhalado » [no 6 de setembro, por um desequilibrado mental]. « A intolerância vem do outro lado ».